



Renan Marcondes
PORTFÓLIO

maio de 2024

Da pesquisa

Tendo o corpo e seus limites como minha principal questão, proponho desde 2014 projetos de longa duração que resultam em obras de diversas linguagens que buscam rever a noção de poder e eficácia que perpassa grande parte do discurso e prática da performance, dentro e fora do campo da arte. Por conta desse interesse, grande parte das obras faz uma revisão da historiografia da arte da performance, citando ou comentando trabalhos, artistas e situações paradigmáticas dos anos 1960 até hoje, colocando em xeque práticas e lógicas recorrentes na linguagem (como ação, presença, autonomia e verdade) em um momento histórico no qual performar não é apenas uma opção artística, mas um imperativo. Assim, as obras ganham uma materialidade na qual, apesar de figurar o corpo, seu desempenho está sempre posto em dúvida. Uma temporalidade estendida marca as obras, assim como a recorrente escolha de pensar a observação como um gesto participativo. Fisicamente, performers imóveis, deitados, sonolentos, restringidos por esculturas ou em ações patéticas e absurdas mostram que o corpo está sempre em relação com outras forças, e que isso nunca o deixa ser totalmente consciente de si e de suas ações.

Performances

Obras pautadas em temporalidades distendidas e na criação de esculturas vestíveis que limitam ou orientam o corpo de quem desempenha. Sugere-se aqui um corpo cujo poder não vem do indivíduo apenas, mas de sua insistência em estados de sujeição à outros corpos e coisas.

As obras sempre estão em diálogo com a história da performance, buscando sua releitura *incorporada*.

Obras selecionadas

2016-2024

Que por vencedor ninguém te reconheça, 2024

Performance duracional, realizada ao longo de 7 horas na sp-arte 2024, acompanhada de dossiê.

Tiragem: 1 + P.A.

Movendo seis blocos de madeira com os números 1, 2 e 3, reconfiguro incessantemente a estrutura de um pódio, transformando-o em escadas, camas, torres, etc. No ambiente altamente competitivo e mercadológico de uma feira de arte, tal contra-imagem em movimento traz o trabalho necessário para se transformar estruturas de diferenciação em zonas de repouso e descanso.

O trabalho é também uma releitura para tempos neoliberais da histórica performance *Pose works for plinths I* (1971) de Bruce McLean.

foto de Mariana Chama



Pra este sol, para essa escuridão, 2023

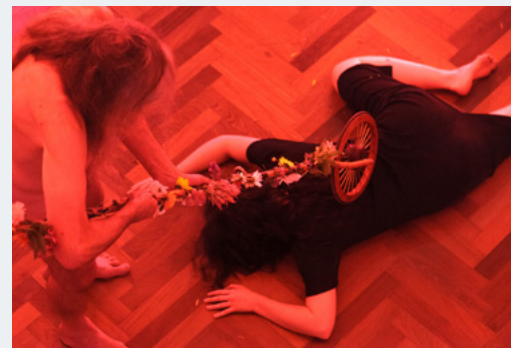
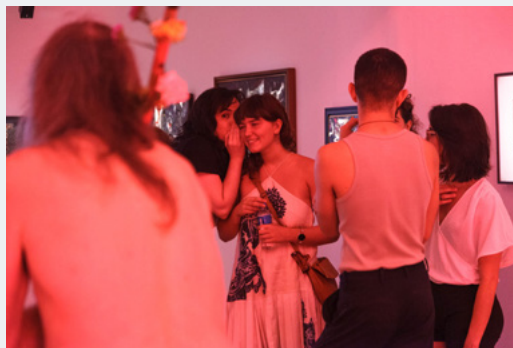
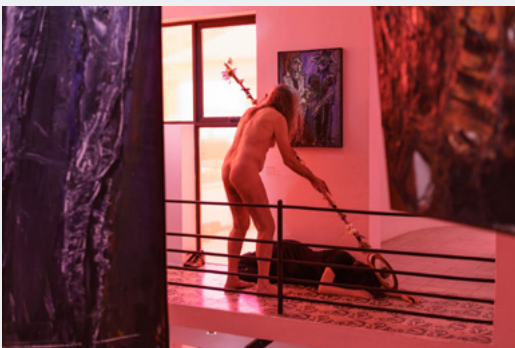
Performance duracional, realizada ao longo de 3 horas na casa sp-arte (2024).

Tiragem: P. U.

Carregando uma escultura repleta de flores cuja base é uma roda, um homem idoso e nu anda sempre lentamente para trás. Uma performer, infiltrada no público, por vezes susurra uma canção no ouvido de alguém, para logo após tirar seus sapatos e se deitar no chão, oferecendo suas costas para que a roda passe por cima dela. Aqui, a roda deixa de ser símbolo de velocidade e labor humano, para se tornar uma forma errante e violenta. O trabalho parte da iconografia das rodas, sóis e círculos diversos presentes nas obras de Oswaldo Goeldi e Iberê Camargo, tendo sido concebida especialmente para uma mostra dos artistas, curada por Galciani Neves.

foto de Mayra Azzi

performance de Marilene Grama e Raul Rachou





Tudo ou Nada, 2023

Performance de duração variável de acordo com a temperatura, realizada no Sesc Consolação (2023) e Avenida Paulista (2023).

Tiragem: P. U.

Dois corpos servem de suporte e calor para duas esculturas de gelo de 4 litros cada, com a forma das palavras “tudo” e “nada”. Ao longo do tempo, cada escultura desempenha um escoamento em direção a um molde na forma da palavra oposta, até a transformação total do estado da matéria.

O trabalho dialoga com diversas das proposições com gelo ao longo da história da performance, como *Paradoxo da Práxis 1*, de Francis Alÿs, *Fluidos* (1967) de Allan Kaprow e *Fogueira de gelo*, de Paulo Bruscky.

foto de Mariana Chama
performance de Carolina Callegaro e Raul Rachou



Odiar os artistas, 2023

Performance duracional na forma de ladainha de 4 horas, realizada na Galeria Vermelho (2023) e na Casa de Cultura do Parque (2023).

Tiragem: P. U.

Uma colagem de textos apropriados sobre o ódio que a sociedade sente pelos artistas (e sobre o ódio que os artistas também sentem) é enunciada de forma ininterrupta pelo mim por várias horas, enquanto permaneço totalmente imóvel auxiliado por vestimentas escultóricas que apoiam e duplicam meu corpo. Um de meus tênis, que me persegue incessantemente no vídeo, é integrado a uma peça motorizada que esporadiadamente chuta minha bunda. O trabalho faz referência à obra *Roadworks* (1985) de Mona Hatoum, onde a artista amarra uma bota de soldado em seus pés.

*foto de Mariana Chama
participação de Carolina Callegaro*



O maior museu do mundo,

2019-2022

Performance duracional para bailarina de olhos fechados, realizada na PIVÔ Arte e Pesquisa (2019), na Galeria Vermelho, na Universidade Federal de Uberlândia (2019) e no Sesc Pompéia (2022).

Tiragem: P. U.

Um corpo se move, lentamente e de olhos fechados, sobre um palco de madeira, enquanto retira restos do seu corpo e os posiciona sobre dispositivos museológicos em miniatura. Enquanto o faz, da bolsa de alguém do público escorre areia, como uma ampulheta que deixa rastros pelo espaço. Na obra, aquilo que sai do corpo, deixando rastros, é o que constitui o arquivo de um possível museu que carregamos sempre conosco.

A performance é inspirada em *Bed piece* (1972), do artista Chris Burden.

foto de Mariana Chama

performance de Carolina Callegaro, Clarissa Sacchelli (2019-2020) e Marilene Grama (2022)





Grito parado no ar, 2021

Performance para janelas de prédios, realizada especialmente para a exposição “Ninguém vai tombar nossa bandeira” e acompanhada de dossiê.

Tiragem: 1 + P. A.

Carregando um grande papel com a palavra “ressentimento”, alguém aparece na janela. Emitindo um contínuo grito silencioso que dura vários minutos, amassa lentamente o papel até a palavra sumir completamente.

A performance é inspirada na música *Um grito parado no ar* (1973) de Toquinho e Guarnieri, que integra a peça teatral homônima. A canção teve seu refrão silenciado pela censura da ditadura militar brasileira.

foto de Julia Lima.

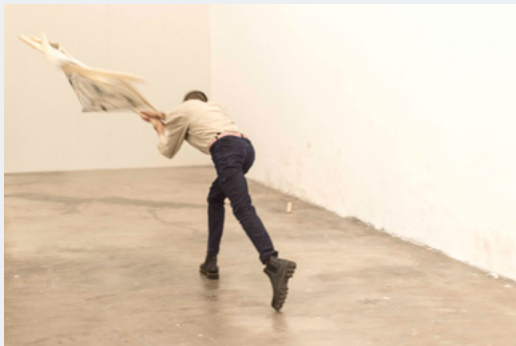
O pintor (da série “Das tarefas de artista”), 2020

Performance duracional para telas de pintura, acompanhada de dossiê.

Tiragem: 1 + P. A.

Uma tela simples de pintura, onde foram escritas previsões para a arte contemporânea, é jogada repetidamente para cima com o intuito de voar. A cada retorno ao chão, quebra-se mais e mais, ganhando outras formas. Apenas é afixada na parede após sua destruição total. A performance é inspirada nas obras *Salto para o vazio* (1960) e *Pinturas de fogo* (1961) de Yves Klein.

foto de Julia Lima.





As desenhistas (da série “Das tarefas de artista”), 2019

Performance duracional, envolvendo produção de saliva e desenho, realizada no Sesc Avenida Paulista (2019)

Tiragem: P. U.

Diversos corpos se pressionam enquanto guardam sua saliva misturada com um pigmento em pó na boca, sem a engolir. Após uma performer recolher as salivas com uma escultura, o acúmulo delas torna-se um pigmento que, jogado sobre um papel, é entregue ao público.

A performance é inspirada na obra *Waterways: 4 saline studies* (1971) de Vito Acconci.

*foto de Mayra Azzi
performance de Carolina Callegaro, Suia Ferlauto,
Raul Rachou, Leandro Souza, Chico Lima e
Clarissa Sacchelli.*



Histórico

2021

Exposição Ministério da solidão - Oficina Cultural Oswald de Andrade (SP)

2017

Exposição Protetores de Proximidade Humana (unidades Valsa e Beijo) - Museu da Imagem e Som (SP)

2015

Obra premiada e exposta no Salão de Arte da Juventude do Sesc Ribeirão Preto (SP)



Protetor de proximidade humana para valsa (da série “PPH”), 2016-

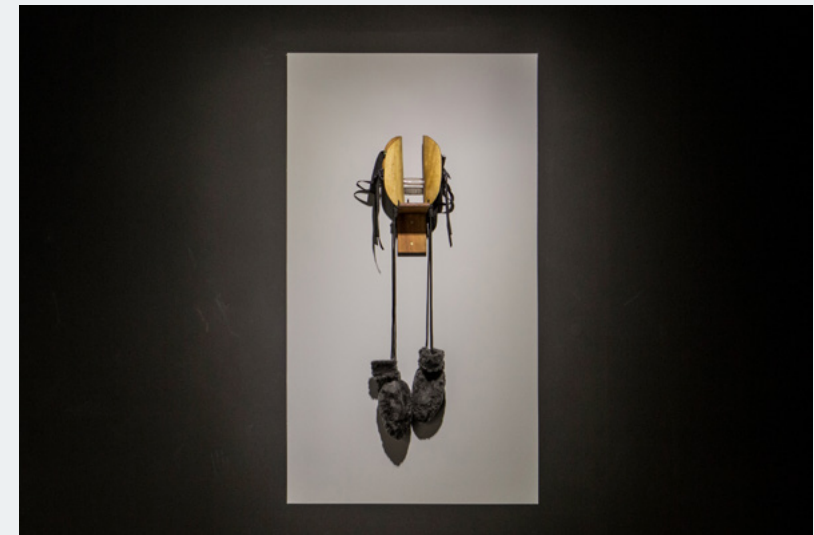
Dispositivo escultórico de separação, acompanhado de vídeo, texto e dossiê.

Tiragem: 1 + P. A.

Um objeto escultórico serve para impedir que uma dança de casal envolva suor, hálito e proximidade excessiva. Tal objeto é experimentado em demonstrações ao vivo e em formatos expográficos. O projeto é inspirado nos *Objetos relacionais* de Lygia Clark.

Coleção particular.

*foto de João Mascaro.
performance de Carolina Callegaro e Clarissa Sacchelli.*



Protetor de proximidade humana para beijo (da série “PPH”), 2016-

Dispositivo escultórico de separação, acompanhado de vídeo, texto e dossiê.

Tiragem: 1 + P. A.

Um objeto escultórico serve para impedir que um beijo envolva saliva, suor, visão, olfato, hálito e proximidade excessiva. Tal objeto é experimentado em demonstrações ao vivo e em formatos expográficos. O projeto é inspirado nos *Objetos relacionais* de Lygia Clark.

Aervo do Museu de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto e do Museu de Arte do Espírito Santo.

*foto de Renan Marcondes
na foto, Carla Massa e Marilene Grama*

Histórico

2021

Exposição Corpo experimento - Museu de Arte do Espírito Santo (ES)

2017

Obra premiada no *Salão de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto* - Museu de Arte de Ribeirão Preto (SP)

2017

Obra selecionada para a *Temporada de Projetos do Paço das Artes* - Museu da Imagem e Som (SP)

Como um jabuti matou uma onça e fez uma gaita de um de seus ossos, 2016

Coreografia em *loop* acompanhada de escultura vestível e *libreto*.

Tiragem: 1 + P. A.

Vestindo um sapato escultórico que o impede de permanecer em pé, um corpo realiza uma lenta coreografia no chão, composta por poses de ataque e submissão. Uma performer infiltrada conta um segredo e entrega um libretto para aqueles do público que se dispuserem a olhar com atenção para aquele corpo.

O projeto é inspirado no *SCUM Manifesto* de Valerie Solanas e em obras de Andy Warhol, como *Knives* (1982).

foto de André Arcari



Histórico

2017

Virada Cultural - Sesc Pompeia (SP)

2016

Salão dos artistas sem galeria - Galeria Sancovsky (SP)

Salão dos artistas sem galeria - ZIPPER Galeria (SP)

Obra premiada no *Setor de performances - sp-arte* - Pavilhão da Bienal (SP)

2015

Exposição *Contra Corpo* - Oficina Cultural Oswald de Andrade (SP)

2014

Obra selecionada pelo *Editais Proac primeiras obras de dança*



Formulações ao insuporte, 2015

Performance apresentada na mostra VERBO de performance art (2015)

Tiragem: P. U.

De forma demonstrativa, manipulo diferentes materiais como madeira, borracha, pão e concreto a fim de compreender quem resiste e quem se destrói a cada manipulação.

A performance é resultado da minha pesquisa de mestrado na UNICAMP, e parte da obra *Trademarks* (1970), de Vito Acconci.

foto de Eduardo Fraipont



Hipótese sobre a construção, 2015

Performance duracional, realizada no Sesc Ipiranga (2015).

Tiragem: 1 + P. A.

Utilizo diversos objetos de escritório (como régua, lápis, tesouras e clips) não para suas funções produtivas, mas para servirem de apoio para que meu corpo repouse em situações diversas pelo espaço.

A performance parte da obra *Pencil mask* (1972), de Rebecca Horn.



foto de Pedro Hurpia



Manual civilizador para um peso sem nome, 2013

Performance realizada no Centro Universitário Belas Artes (2013) e no Sesc Bom Retiro (2015).

Tiragem: P. U.

Uma grande piscina de giz de lousa, lápis grafite e um gaveteiro de aço são objetos com os quais busco uma relação fora da ordem utilitária, buscando compreendê-los a partir de seu peso e materialidade. Nesse embate, as coisas e meu corpo se atritam e se machucam.

foto de Nathalia Fuchs



“ [...] A pesquisa que Renan Marcondes desenvolve desde o começo dos anos 2010 como artista visual parece apontar constantemente para uma direção: a experimentação. Com formação em teatro e artes visuais, os trabalhos partem de seu corpo e se relacionam diretamente com diversas tradições daquilo que convenciamos chamar de “performance” – o limite físico, a repetição de ações e a forma como ele se relaciona com objetos são alguns dos elementos que chamam a atenção. Aos poucos, sua pesquisa se expande e, tal qual uma fábula, vai ganhando prolongamentos físicos – objetos usados pelo artista vão de encontro ao corpo do público, ao espaço e se põe em relação com outros performers em um flerte com o surrealismo”

Raphael Fonseca, curador e crítico.
2021

“ [...] Dissidência cívica! Por onde e quando começamos? No redesenho de corpo, no contorno de si, na tentativa de conexão com a nossa interioridade intempestiva. E aí, sim, declarar nosso estado coletivo de humanidade. “Liberar-se de si”. Repitamos juntas. “Sejamos muitos”, ecoemos na caixa torácica. Reorganizar o sustento da vida, nos diz Renan Marcondes. Girar, atentar-se ao giro, fazer o corpo mover-se de dentro, centrípeta e centrifugamente. E assim fazer vento. Girar, contornar círculos, inverter os rios do corpo. Girar, revolver, perceber-se no giro.”


Galciani Neves, curadora.
2023

Vídeos

Ações executadas apenas uma vez ou sob condições especiais de tempo e espaço, acompanhadas por uma equipe de cinema.

Obras selecionadas

2016-2024



algumas pessoas optaram por continuar a trabalhar

Intervalo (da série “Teatro”), 2018-2021

Vídeo em HD. Cor. Som. 8'. Filmado no Sesc Avenida Paulista (2018).

Da rua, vê-se um andar de um prédio ser encoberto por fumaça. Lá, alguém calmamente pressiona placas com letras sobre o vidro, formando as palavras “NAÇÃO” e “NÃO”.

Orquestra (da série “Teatro”), 2018-2023

Vídeo em HD. Cor. Som. 11'. Filmado no Sesc Avenida Paulista (2018).

Imersas por fumaça, duas pessoas tentam se mover em um espaço repleto de mesas reclináveis de desenho. Alterando sua angulação e sua localização no espaço, as pessoas parecem conversar através das mesas, em uma negociação contínua entre corpo e objeto.



**Cena: os
quinze
minutos, 2021**

Vídeo em HD.
Cor. Som. 30'.

Manipulo um corpo inerte que lembra o do artista Andy Warhol. Apesar do contraste evidente entre ambos, a tentativa de mover esse corpo aos poucos vira uma dança a dois, passando por gestos de afeto e cuidado.





Aula para coisas e objetos (da série “Projeto Invisível”), 2017

Vídeo em HD. Cor. Som. 13’.

Dois professores são convidados para dar uma aula de emancipação para objetos diversos. Tentando alcançá-los de formas diversas para além da voz, um se utiliza da dança e outro de linguagem de sinais, outros modos de comunicação nos quais são formados.

“ [...] Performar implica considerar o desmanche do ato enquanto atuamos, tal *Following Piece* (1969), realizada na ocasião de *Street Works IV*, em Nova Iorque. De fato, para Vito Acconci, tratava-se de estabelecer relações subjetivas e subjuntivas completadas no ato de seguir a si mesmo, à procura daquele que desconhece. Neste quadro, as hipóteses e variações da busca consistiam em seguir o outro, deixar-se levar pelo enigma que o carrega, interrompidas quando este chegasse a um espaço privado. Em *Peça de perseguição* (2018), Renan carrega partes de alguns experimentos que se encerram enquanto atuam: espera o encontro com o múltiplo de si, presente em *Procuro-me* (2001), persegue o estranho à maneira de Acconci até que esbarre com sua selfie postada na web, o mesmo que ocorria em 1928, quando Claude Cahun realizava sua fotomontagem *Que me veux tu*, apavorada com

o estrangeiro habitado em si mesma. [...] No fundo, falso ou verdadeiro, o que conta é performar para a imagem. Por isso a expectativa por espectadores para cada gesto acometido no trivial segue preenchendo linhas do tempo. Esperas, calúnias, buscas, difamações, o velório como performance, a celebração como rito de passagem rumo aos super poderes do sujeito pássaro em seu voo rasante e fugaz. O Caetano de 1989 é urgente: ‘reconhecer o valor necessário do ato hipócrita’ diz muito sobre o que nos falta.”

Josué Mattos, curador

2018

Obras participativas

Proposições que discutem os limites do enquadramento artístico e dos processos criativos, convidando, de forma lúdica, o público a tomar decisões diretas sobre os rumos das obras.

Obras selecionadas

2016-2023

Cartas para danças, 2023

Jogo de cartas e ação pública, realizado a convite da Gerência de Produtos do Sesc SP

Obra realizada em parceria com Ana Mazzei e Cláudia Müller

Produto à venda no Sesc SP

Um jogo de trinta cartas narra momentos chave da história da dança contemporânea no Brasil, convidando as pessoas ao movimento, reflexão e informação sobre aquilo que passou. Através do contato com o passado, propõe-se criar danças futuras. A proposta é inspirada no livro *La danza del futuro*, de Jaime Conde-Salazar.



foto de Tati Mayumi



Histórico

2024

Sesc Pinheiros (SP)

Sesc Santos (SP)

2023

Bienal Sesc de Dança - Sesc Santos (SP)

Educativo para paredes (da série “Projeto Invisível”), 2018

Ação pública para parede de galeria de arte, realizada no Instituto Adelina (2018).

Tiragem: 1 + P. A.

Uma parede de dez metros de largura é inteiramente coberta com textos sobre performance em vinil adesivo. Com óculos especiais em formato de lixa, o público é convidado para lixar a palavra performance, desgastando o texto e a parede do espaço expositivo. A proposta é inspirada nas obras *One hundred live and die* (1984) e *Wall Floor Positions* (1968), de Bruce Nauman.



Forma Infinita, 2016

Processo de criação guiado pelo público, mediante contrato, realizado no Sesc Santana (2016).

Ao longo de diversos dias, o artista ensaia publicamente um novo trabalho. O público é convidado por uma mesária-performer a mandar no processo criativo do artista, dirigindo-o através da assinatura de um contrato.

*foto de Artur Kon
performance (mesária) de Clarissa Sacchelli*





Objeto indireto, 2016

Objetos em condição de obra e proposição ao público, realizada na OMA galeria (2016).

Sobre uma mesa em uma galeria de arte, diversos objetos pessoais do artista, de papéis a notebooks, na condição de obra. Caso caiam ao chão, tornam-se públicos. O público é orientado a não tocar, mas pode, com a ajuda de finas varas de madeiras, empurrar os objetos para fora da mesa.





É certamente muito trabalhoso dizimar o que existe e ajustar o que é justo, 2014

Performance com dez quilos de doce, realizada na abertura da mostra *Corpos Insurgentes*, no Sesc Vila Mariana (2014).

Com a mesma roupa dos garçons que serviam o coquetel de abertura, carreguei aproximadamente dez quilos de brigadeiro rosa. O público, para aliviar meu peso, precisava pegar diretamente com a mão o doce, sujando-se.

A performance parte do fato de que os garçons homens contratados carregavam comida e não bebida por ser supostamente mais pesada. Seu título é uma frase da dramaturgia *Dramas de Princesas*, da escritora austríaca Elfriede Jelinek.

foto de Nathália Fuchs

“ [...] Renan Marcondes é um artista que pesquisa os desdobramentos de seu próprio corpo em performances e instalações, objetos, desenhos, vídeos e inúmeras outras materializações. Essas explorações do corpo podem partir de sua própria carne ou de corpos alheios. Coreografias e obras teatrais que demandam extensas pesquisas também fazem parte de suas investigações, ora com resultados que envolvem a interação dos espectadores e a colaboração em peças que se constroem com o tempo, ora em formatos mais tradicionais em configurações de palco e público. [...] Há também trabalhos em que o artista explora os limites corporais, criando dispositivos que podem ser “vestidos” ou portados – por ele ou pelo espectador – e que alteram os funcionamentos e funcionalidades dos membros. Esses objetos quase-esculturais são frequentemente criados para uso em conjunto com um ou mais parceiros, desafiando não apenas a gestualidade de um corpo mas obstruindo a proximidade, a intimidade e as possibilidades de encontro.”

Julia Lima, curadora e crítica

2018

Peças para palco e obras de dança

Performances pensadas para edifícios teatrais, organizadas a partir de convenções de duração, público, dramaturgia e encenação espetaculares.

Obras produzidas dentro do polo de produção e pesquisa em dança Pérfida Iguana, dirigido desde 2014 em parceria com Carolina Callegaro.

Obras selecionadas

2016-2023



Azul-jardim, 2022

Peça de dança comissionada pelo 25º Festival Cultura Inglesa (2022) e apresentada no Sesc 24 de maio (2022) e no Sesc Santo Andre (2023)

O bailarino Raul Rachou, aos 70 anos de idade, relembra em corpo e voz seu relacionamento com o cineasta Derek Jarman. Durante a peça, é capturado por um rapaz jovem que repentinamente sobe ao palco e muda os rumos da obra, em uma metáfora do relacionamento amoroso. A performance parte do filme *Blue* (1993), de Derek Jarman.

foto de Cacá Bernardes





Zulmira Elizabeth, 2018

Peça de dança comissionada pelo Edital para criação em residência de jovens coreógrafos do MIS SP (2018), apresentada no Sesc Consolação (2018)

Um ritual de despedida e transmissão para minha mãe Elizabeth, recém falecida. A partir do filme *A falecida*, de Leon Hirszman, lançado no ano de nascimento da minha mãe (1965), diversos corpos de diferentes gerações tentam repetir, em cena, os gestos de Zulmira, personagem de Fernanda Montenegro.

foto de Cacá Bernardes





materia IVONE, 2016

Peça de dança apresentada na Oficina Cultural Oswald de Andrade (2016)

Pedimos para um ghost writer escrever dez cartas para uma suposta Ivone, que pode ou não ser a coreógrafa Yvonne Rainer. As cartas são lidas acompanhadas por uma coreografia e pelo ato constante de desmontar e remontar uma cadeira.

Peça inspirada na *Carta a Mondrian* (1959), de Lygia Clark, e na obra *Trio A* (1966), de Yvonne Rainer.

foto de Cacá Bernardes

Um instante anterior à extrema violência, 2015

Peça de dança apresentada na Galeria Olido (2015)

Em uma grande área azul, duas figuras entre o humano e o animal coexistem aos olhos do público, como em uma jaula de zoológico. O público pode ver de onde e pelo tempo que quiser com a ajuda de binóculos, acompanhando os eventos (ou sua ausência).

Peça inspirada nas obras do artista Eduardo Berliner e nos vídeos de Sam-Taylor Wood.

foto de Mari Chama



“[...] Artistas da performance, como Renan Marcondes, testam os limites do corpo, ou tentam libertá-lo de estereótipos de aparência ou pudores de comportamento. Na obra *Timeline*, Renan Marcondes instala, na parede, retratos dos performers mais famosos da história da arte, de forma que seus olhares formem uma linha reta, de 10 metros de comprimento. Tudo varia nos retratos, menos a altura da linha dos olhos, que quer encontrar o olhar do espectador, perturbando-o e incentivando-o a ouvir o discurso do corpo.”

Paula Braga, curadora e crítica

2020

Demais mídias

Fotografias e desenhos que são desenvolvidos em etapas de criação das performances ou que são seus desdobramentos. São trabalhos que dialogam de formas diversas com a história da performance art e com a ideia de autorrepresentação.

Obras selecionadas

2016-2023

Língua Roldana (série), 2023

pastel seco e oleoso, grafite, letra offset e fita crepe sobre papel. 70 x 70 cm (cada)

Desenhos em grande formato com anotações de projetos e ambientes que remetem à cenografias teatrais. Os desenhos são, durante seu feito, recortados e recombinados entre si como em um processo cirúrgico, sendo exibidos com seus remendos e sobras.

foto de Estúdio em Obra



(escala)



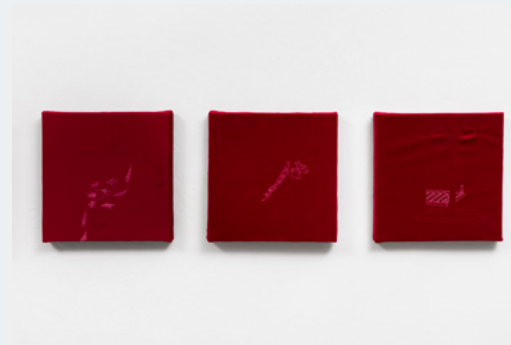
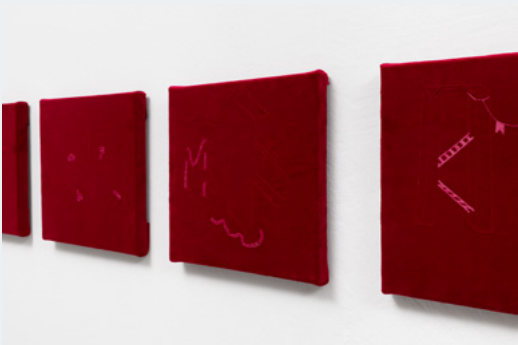
(detalhe)

Repouso (série), 2023

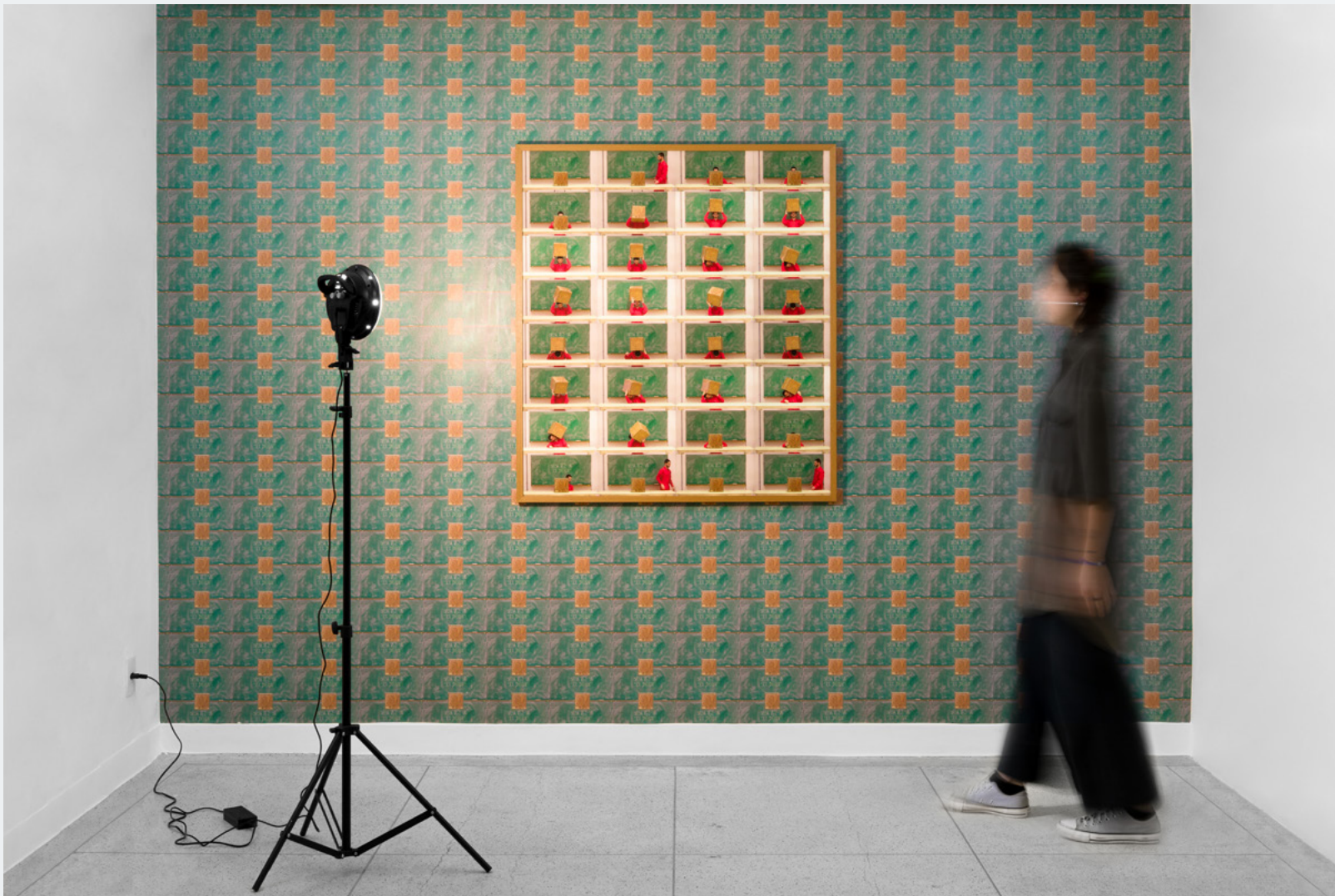
tinta branca e linha vermelha sobre veludo vermelho. 25 x 25 cm (cada)

Paisagens são costuradas em linha vermelha sobre veludo vermelho, formando cenas quase invisíveis. Sobre elas, é desenhado com tinta branca algum objeto descansando, livre de seu uso utilitário.

foto de Estúdio em Obra



(detalhe)



**Dessa vez vai ser diferente
(fotografia e papel de parede),
2023**

impressão em jato de tinta sobre papel algodão emoldurado (100 x 112 cm) e papel de parede (dimensões variáveis).

A fotografia mostra, como em um *storyboard*, o artista tentando equilibrar um pesado cubo de madeira sobre sua cabeça, com o título da obra escrito ao fundo de cada imagem. A impressão é montada junto de um papel de parede, cujo padrão é o cubo sozinho, sem o corpo que age sobre ele.

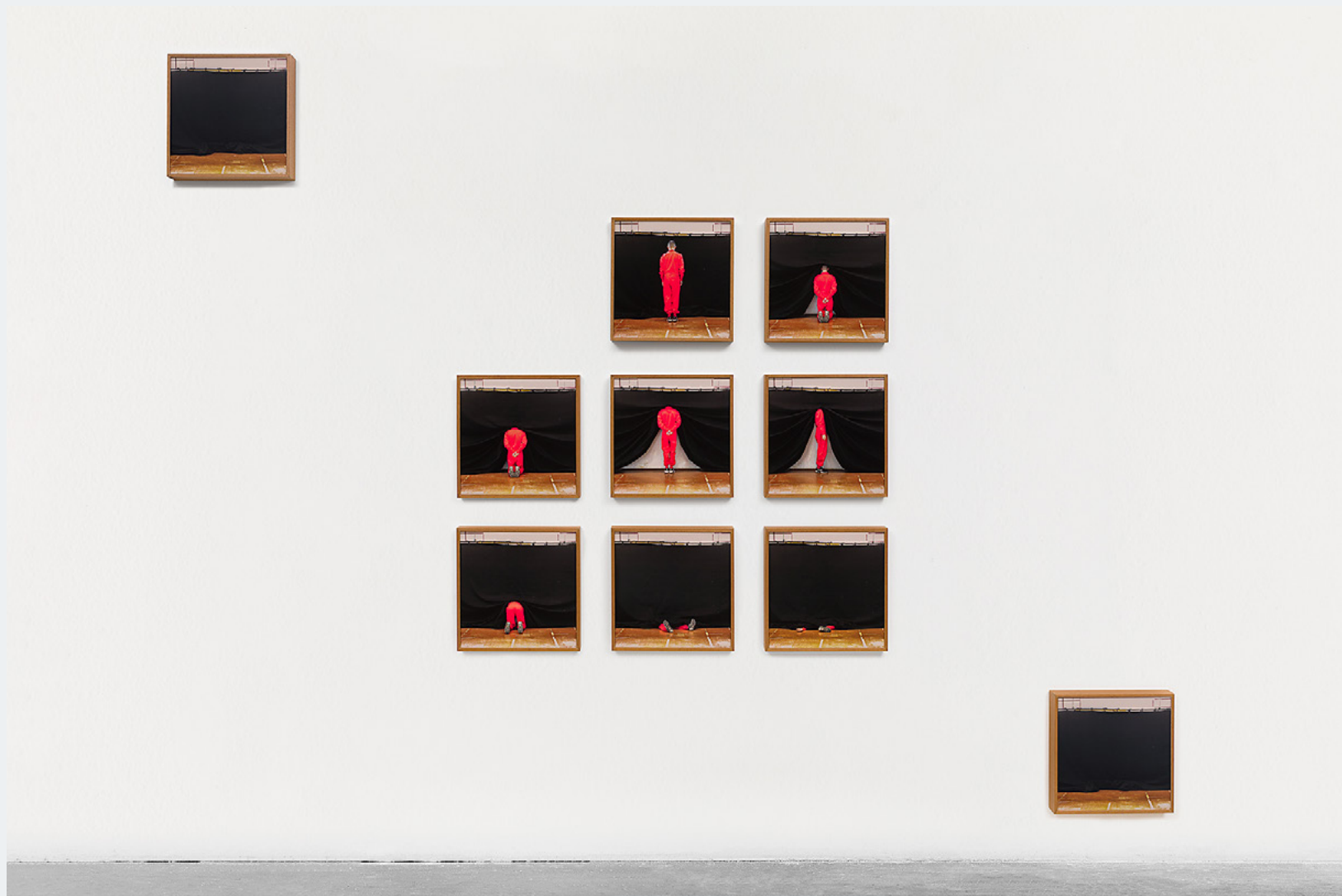
foto de Estúdio em Obra

Outro estranho desaparecimento, 2023

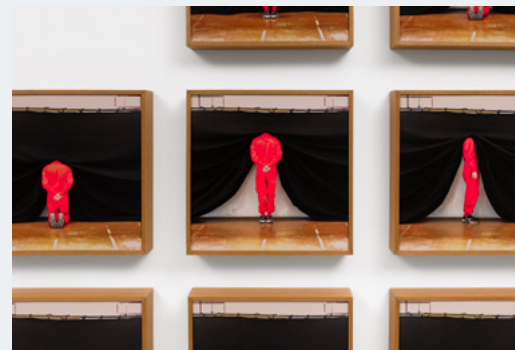
jato de tinta sobre papel algodão, emoldurado,
assinado e datado no verso. 30 x 30 cm (cada)

Em diálogo com a obra de Vera
Chaves Barcellos, o artista atravessa
uma rotunda teatral, em gestos que
indicam submissão e aceitação desse
desaparecimento. A série se conclui
com a mesma imagem que a inicia,
sugerindo uma circularidade da
sequência.

foto de Estúdio em Obra



(detalhe e escala)



Leite derramado, 2022

jato de tinta sobre papel algodão, emoldurado, assinado e datado no verso. 70 x 50 cm (cada)

Utilizando uma escada de ouro sobre minha cabeça, tento equilibrar um copo americano cheio de leite sobre ela. A série fotográfica mostra o instante da queda, mas também prioriza a imagem do copo parado no ar, na altura do olhar. A obra é inspirada na música Copo vazio, de Gilberto Gil.

foto de Felipe Perazollo





Voo profissional, 2018

impressão em jato de tinta sobre papel algodão
e em UV sobre compensado naval 100 x 70 cm
(cada)

Tiragem: P. U.

Acervo do Museu de Arte do Espírito Santo

Para marcar minha primeira exposição em galeria, fui retratado utilizando alguns objetos do galerista, como se fosse dono da obra *Salto para o vazio* (1970), de Yves Klein.

Enquanto Klein parece ausente de sua imagem ao fundo, utilizo um bico de pássaro que é símbolo de voo e uma mordança para minha boca.

Peça de perseguição, 2018

impressão em jato de tinta sobre papel algodão
60 x 60 cm (cada)

Tiragem: 3 + P. A.

Acervo da Pinacoteca de São Bernardo do
Campo

Série de fotos que registram um
encontro inesperado de mim comigo
mesmo nas ruas de São Paulo, como se
perseguisse a minha própria imagem.
As fotos são inspiradas na performance
Following piece (1969) de Vito Acconci.



(vista da montagem)



Timeline, 2018

impressão em jato de tinta sobre compensado
60 x 1000 cm (dimensões totais)

Tiragem: P. U.

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes (RJ)

Uma linha do tempo da arte da performance é montada a partir de uma perspectiva afetiva. Editando digitalmente imagens históricas, imagens se mesclam e eventos inéditos que não aconteceram passam a ser possíveis no campo da imagem.



Para tudo o que não é circular, 2016

impressão em jato de tinta sobre papel
algodão
15 x 21 cm (cada)

Tiragem: 5 + P. A.

Um corpo equilibra uma tábua de madeira sobre seus ombros. O ângulo das fotografias e o diálogo com o espaço criam a impressão que sua cabeça deu lugar à peça de madeira.

Exposições individuais selecionadas

Fotografias e desenhos que são desenvolvidos em etapas de criação das performances ou que são seus desdobramentos. São trabalhos que dialogam de formas diversas com a história da performance art e com a ideia de autorrepresentação.



Reorganizar os líquidos do corpo, 2023

OMA Galeria (SP)
Curadoria de Galciani Neves





Pinóquio, 2022

Centro Cultural dos Correios (SP)
Curadoria de Julia Lima



**Como se a paixão fosse uma
grande esponja molhada, 2021**

OMA Galeria (SBC)
Curadoria de Raphael Fonseca



Fundo Falso, 2018

Adelina Galeria (SP)
Curadoria de Josué Mattos





Protetores de Proximidade Humana (unidades Valsa e Beijo), 2017

Paço das Artes - Museu de Imagem e Som (SP)
Acompanhamento crítico de Márcio Harum





Contra corpo, 2015

Oficina Cultural Oswald de Andrade (SP)

Bio

Renan Marcondes (1991, vive e trabalha em São Paulo) é artista e pesquisador e se dedica à prática e à teoria da arte da performance e das linguagens do corpo.

Recebeu o prêmio da Mostra de Arte da Juventude em 2015, prêmio do setor de performances da SP-Arte 2015 e diversos prêmios aquisições em salões pelo Brasil. Em 2017 participou da Temporada de Projetos do Paço das Artes, em 2018 foi contemplado com o Prêmio de criação em residência para jovens coreógrafos no MIS SP e em 2020 pelo 25º Festival Cultura Inglesa. Em 2019 e 2022 foi indicado para o Programa de Bolsas e Comissões do Cisneros Fontanals Art Foundation. Sua tese de doutorado foi contemplada em 2022 Prêmio Tese Destaque USP e publicada em livro pela editora Annablume.

Em 2023 foi selecionado para o 33º Programa de Exposições do CCSP, indicado com um dos “Future Greats” pela revista ArtReview e contemplado pela 35ª edição da Lei de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo. Realizou também, a convite do Sesc SP, o produto Cartas para Danças, lançado na Bienal Sesc de Dança.

Com suas obras, já participou das edições de 2023, 2022, 2019 e 2015 da mostra *VERBO de performance arte*, da *Bienal Sesc de Dança*, *IC Encontro de Artes*, dentre outras. Além de participar de diversos salões e mostras coletivas de arte, suas exposições individuais incluem: *Contra Corpo* (Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2015), *O que o corpo abriga* (Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, Portugal, 2017), *Fundo Falso* (curadoria de Josué Mattos no Instituto Adelina, 2018) e *Pinóquio* (curadoria de Júlia Lima no Centro Cultural Correios, 2021). Na OMA Galeria, que o representa em São Paulo, apresentou *Como se a paixão fosse uma grande*

esponja molhada (curadoria de Raphael Fonseca em 2021) e *Reorganizar os líquidos do corpo* (curadoria de Galciani Neves em 2023). Realizou residências artísticas na Pivô arte e pesquisa (São Paulo, 2019), Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura (Guimarães, 2017) e Instituto Sacatar (Bahia, 2017).

Alguns de seus principais projetos incluem *Protetores de Proximidade Humana* (realizado com prêmio MAJ Sesc 2015 e Temporada de Projetos do Paço das Artes), *Como um jabuti matou uma onça e fez uma gaita de um de seus ossos* (realizado com ProAc 2015) e *Odiar os artistas* (realizado com apoio do CNPq em 2023).

Possui obras nos acervos no Museu de Arte do Rio, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte do Espírito Santo, Museu de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto, no acervo municipal de Santo André e na Pinacoteca de São Bernardo do Campo. Ministra aulas, cursos e falas sobre performance desde 2015 em locais como MAM SP, MASP, Itaú Cultural, Sesc SP, Senac, Fundação Ema Klabin, Instituto Adelina, dentre outros. Em 2023 foi mentor do programa de mestrado na DAS Coreography em Amsterdã.

Doutor em Artes da cena pela Universidade de São Paulo, com estágio na Justus Liebig Universität em Gießen (Alemanha). Sua formação inclui graduação e mestrado em Artes Visuais e especialização em História da Arte. Possui formação técnica em atuação e modelagem e costura. Realizou pós-doutorado pela ECA USP e atualmente realiza um segundo pós-doutorado pelo departamento de Filosofia da USP. Todas as suas pesquisas foram financiadas por órgãos de fomento, como Fapesp e CNPq.

Atualmente finaliza “Contra o desempenho”, seu próximo livro com previsão de lançamento para 2024 e dirige *Fantasia Brasileira*, projeto comissionado pelo Theatro Municipal de São Paulo.

Contato

renancevales@gmail.com

+55 11 993977683

performances

Tetembua Dandara (produtora)

tetembua.dandara@gmail.com

+55 11 971658965

Institucional e vendas

Thomaz Pacheco (galerista)

hello@omagaleria.com

+55 11 971533107

